

IMAGENS SINTÉTICAS E NARRATIVAS JORNALÍSTICAS: O USO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO “FANTÁSTICO”

Synthetic Images and Journalistic Narratives: the use of Artificial Intelligence in “Fantástico”

Imágenes Sintéticas y Narrativas Periodísticas: el uso de la Inteligencia Artificial en “Fantástico”

Talita Souza Magnolo¹
Pedro Augusto Silva Miranda²
Ana Paula Dessupoio Chaves³

Resumo: O uso de imagens geradas por Inteligência Artificial (IA) no telejornalismo destaca uma nova etapa na construção das notícias. Este artigo investiga o uso de imagens geradas por IA em reportagens do programa “Fantástico” (TV Globo), analisando suas funções narrativa, estética e simbólica. A questão central é em que medida tais imagens contribuem para a construção de sentidos nas narrativas jornalísticas e quais implicações éticas envolvem seu uso. Com base em estudo de caso múltiplo de quatro reportagens exibidas entre 2023 e 2025, a metodologia adota análise qualitativa fundamentada em seis categorias analíticas. Os resultados empíricos indicam que as imagens sintéticas cumprem funções diversas, como de reconstrução histórica à proteção de identidade, além de representações conceituais e simbólicas. Observou-se que tais imagens, quando utilizadas com transparência editorial, reforçam a narrativa jornalística, ampliam o engajamento e estimulam a reflexão ética e estética sobre o papel da tecnologia na mediação da realidade.

Palavras-chave: Inteligência Artificial. Jornalismo Audiovisual. Representação. Cultura Digital.

Abstract: The integration of images generated by Artificial Intelligence (AI) in television journalism marks a new phase in the construction of news. This article analyzes the use of such

¹ Doutora em Comunicação. Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: talita.magnolo@yahoo.com.br; Plataforma Lattes: lattes.cnpq.br/2505919701713031; Orcid iD: orcid.org/0000-0002-6240-388X.

² Doutor em Comunicação. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: miranda.pedrosilva@gmail.com; Plataforma Lattes: lattes.cnpq.br/3854466346192450; Orcid iD: orcid.org/0000-0002-4599-7225.

³ Doutora em Comunicação. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: ana.dessupoio@ufjf.br; Plataforma Lattes: lattes.cnpq.br/0516582760531230; Orcid iD: orcid.org/0000-0001-6419-659X.

images in reports from the program “Fantástico” (TV Globo), focusing on their narrative, aesthetic, and symbolic functions in audiovisual journalism. The central question concerns how these images contribute to meaning-making and what ethical issues their use raises. Based on a case study of four reports aired between 2023 and 2025, the research applies qualitative analysis grounded in six categories. Empirical results indicate that synthetic images fulfill diverse functions, ranging from historical reconstruction to identity protection, in addition to conceptual and symbolic representations. It was observed that such images, when used with editorial transparency, reinforce journalistic narratives, increase engagement, and stimulate ethical and aesthetic reflection on the role of technology in mediating reality.

Keywords: Artificial Intelligence. Audiovisual Journalism. Representation. Digital Culture.

Resumen: La utilización de imágenes generadas por Inteligencia Artificial (IA) en el periodismo televisivo marca una nueva etapa en la construcción de las noticias. Este artículo analiza el uso de dichas imágenes en reportajes del programa “Fantástico” (TV Globo), con énfasis en sus funciones narrativa, estética y simbólica en el periodismo audiovisual. La cuestión central es cómo estas imágenes contribuyen a la construcción de sentido y qué implicaciones éticas conlleva su uso. A partir de un estudio de caso de cuatro reportajes emitidos entre 2023 y 2025, se aplica un análisis cualitativo basado en seis categorías. Los resultados empíricos indican que las imágenes sintéticas cumplen diversas funciones, desde la reconstrucción histórica hasta la protección de la identidad, además de representaciones conceptuales y simbólicas. Se observó que dichas imágenes, cuando se utilizan con transparencia editorial, refuerzan las narrativas periodísticas, aumentan la participación y estimulan la reflexión ética y estética sobre el papel de la tecnología en la mediación de la realidad.

Palabras clave: Inteligencia Artificial. Periodismo Audiovisual. Representación. Cultura Digital.

Introdução

O uso de imagens sintéticas geradas por Inteligência Artificial (IA) em produções jornalísticas representa um dos mais significativos marcos na transformação do fazer jornalístico na atualidade. No contexto da televisão brasileira, destaca-se o programa “Fantástico”, da TV Globo, que desde sua estreia em 1973, caracteriza-se por incorporar inovações tecnológicas e narrativas em sua estrutura editorial. Recentemente, o programa passou a utilizar imagens criadas por IA em suas reportagens, além do uso para o processamento de dados e informações na produção, inaugurando uma nova etapa na mediação visual da informação. O presente artigo toma como tema central o uso dessas imagens sintéticas como elemento constitutivo da narrativa jornalística audiovisual.

Apesar de o uso da Inteligência Artificial em processos jornalísticos ter despertado crescente interesse acadêmico, a produção científica sobre IA no telejornalismo brasileiro ainda é incipiente. As pesquisas que articulam inteligência artificial e jornalismo audiovisual

encontram-se em estágio inicial e concentram-se, sobretudo, nos esforços da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede Telejor), que tem sistematizado reflexões importantes sobre o tema.

Entre essas iniciativas, destacam-se duas obras da “Coleção Jornalismo Audiovisual” (Editora Insular), organizadas pela rede de pesquisa, que reúnem contribuições de pesquisadores de diferentes regiões do país e consolidam referenciais iniciais sobre o tema. O volume “As inteligências do telejornalismo” (2024) examina a presença da IA sob duas perspectivas complementares: (1) o potencial técnico e narrativo, capaz de ampliar a precisão, a eficiência e a estética da notícia audiovisual; e (2) a dimensão crítica e ética, que problematiza a autonomia das máquinas, a veracidade das informações e o papel humano no ecossistema midiático.

A edição mais recente da coleção, “Formatos e inovação em jornalismo audiovisual” (2025), aprofunda o debate ao propor uma abordagem prudente e ética do uso da IA no telejornalismo, sustentada por três pilares centrais: supervisão humana contínua, a IA deve complementar, e não substituir, o trabalho editorial; transparência pública, o público deve ser informado quando o conteúdo for automatizado; e políticas editoriais claras e adaptáveis, capazes de acompanhar a evolução tecnológica e proteger a credibilidade jornalística.

Diante desse panorama, identifica-se uma lacuna na literatura especializada no que se refere à análise empírica do uso da inteligência artificial em reportagens especiais, produções planejadas e executadas com maior antecedência e tempo de duração, sobretudo com relação à produção e circulação de imagens sintéticas como parte da narrativa audiovisual. É nesse contexto que o presente artigo se insere, buscando contribuir para o aprofundamento teórico e empírico dessa discussão.

Delimitando o escopo da análise, o estudo se debruça sobre quatro reportagens específicas exibidas entre 2023 e 2025, todas produzidas e veiculadas pelo “Fantástico” (TV Globo), além de estarem disponíveis na plataforma de *streaming* Globoplay. A escolha por esse recorte se justifica pelo caráter experimental e paradigmático dessas produções, que articulam tecnologia, jornalismo e audiovisual de maneira pioneira. As matérias selecionadas empregam imagens geradas por IA tanto para reconstruções históricas e simulações simbólicas quanto para preservar a identidade de fontes.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender os efeitos estéticos, simbólicos e éticos da introdução de imagens não captadas por câmeras, mas produzidas por algoritmos, na narrativa jornalística. Conforme mencionado, trata-se de um fenômeno contemporâneo ainda pouco explorado pela literatura científica, que demanda reflexão sobre os critérios de veracidade, representação e responsabilidade editorial. Além disso, o debate é urgente frente ao avanço de tecnologias como as GANs (Redes Adversariais Generativas), que permitem a criação de imagens indistinguíveis da realidade, podendo gerar dúvidas sobre a credibilidade das informações visuais apresentadas ao público.

O objetivo geral do trabalho é analisar de que modo as imagens sintéticas geradas por IA contribuem para a construção das narrativas jornalísticas televisivas. Como objetivos específicos, busca-se: (1) examinar a função estética e comunicacional dessas imagens; (2) investigar as representações sociais e simbólicas evocadas por elas; (3) avaliar os aspectos éticos envolvidos em sua utilização.

Metodologicamente, trata-se de um estudo de caso com múltiplas unidades integradas, conforme proposto por Yin (2015), tendo como base uma análise qualitativa das imagens selecionadas. As análises se organizam a partir de seis categorias: verossimilhança, função narrativa, visualidade, representações simbólicas e sociais, circulação e aspectos éticos. A fundamentação teórica ancora-se em autores como Fontcuberta (2010), Mauad (2005), Whittaker (2020) e Gabriel (2022), que abordam as relações entre imagem, mediação e cultura algorítmica.

Ao investigar as estratégias de visualização utilizadas pelo “Fantástico” em um momento de transição tecnológica e sensível reconfiguração das práticas jornalísticas, este estudo pretende contribuir ao lançar luz sobre os desafios éticos e estéticos da informação mediada por inteligência artificial em registros audiovisuais.

O “Fantástico” e os avanços tecnológicos: do *videotape* a IA

Desde sua estreia em 1973, o “Fantástico” (TV Globo) consolidou-se como um dos principais espaços de experimentação narrativa e tecnológica da televisão brasileira. O programa rompeu com o modelo tradicional do telejornalismo ao combinar informação e entretenimento, incorporando inovações como o *videotape*, a televisão em cores e, posteriormente, os recursos de computação gráfica e animação. Essa trajetória consolidou sua

identidade como uma “revista eletrônica” orientada pela lógica do espetáculo e pela busca constante de novas linguagens audiovisuais (Rocha; Aucar, 2011, p. 52; Abe, 2016, p. 15).

Ao longo das décadas, a atração adotou sucessivas estratégias de inovação técnica e estética, incluindo de forma gradual elementos de virtualização e interatividade, da computação gráfica às projeções holográficas, passando pela criação da apresentadora virtual Eva Byte, em 2004 (Reis *et al.*, 2024, p. 232). Essas experiências contribuíram para caracterizar o “Fantástico” como um espaço de experimentação entre jornalismo, arte e tecnologia.

A partir de 2023, o programa iniciou uma nova fase, marcada pela incorporação da Inteligência Artificial em seu processo de produção. Além de organizar dados e apoiar a apuração, a IA passou a ser utilizada na geração de imagens sintéticas, empregadas em reportagens especiais para reconstruções históricas, ilustrações simbólicas e preservação da identidade de fontes. Essa prática inaugura uma etapa inédita na mediação visual da informação televisiva, tornando o “Fantástico” um caso paradigmático para compreender os impactos narrativos, estéticos e éticos da IA no jornalismo audiovisual contemporâneo. Sua longevidade e capacidade de adaptação refletem não apenas um apurado senso estético, mas também uma habilidade de dialogar com as transformações tecnológicas, sociais e culturais do mundo.

Pelo pioneirismo e estreita relação com a tecnologia tomamos o “Fantástico” como objeto de pesquisa. A partir das edições do programa, selecionamos para o estudo de caso quatro reportagens, exibidas de 2023 a 2025, que utilizam a inteligência artificial no processo de produção, mais especificamente na geração de imagens que ilustram as matérias.

Para melhor organizar as reportagens que serão analisadas, apresentamos, a seguir, um quadro com as principais informações: data de exibição, duração, nomenclaturas técnicas adotadas neste estudo, além dos títulos e descrições dos materiais. Os títulos, descrições e os vídeos completos estão disponíveis na plataforma Globoplay, serviço de *streaming* da Globo.

Quadro 1 – Reportagens selecionadas para o estudo de caso

DATA DE EXIBIÇÃO/ DURAÇÃO	NOMENCLATURA/ TÍTULO	DESCRIÇÃO	DISPONÍVEL EM:
6 ago. 2023 (47 min.)	(MATÉRIA 1) Fantástico 50 anos: o desafio de recriar momentos marcantes dos primeiros programas, perdidos em incêndio	Uma viagem no tempo, com repórteres que fizeram história no “Show da Vida”, reencontros comoventes, o nascimento da Zebrinha. Revisite o passado no primeiro episódio da série especial em comemoração aos 50 anos do Fantástico.	https://globoplay.globo.com/v/11843049/
29 set. 2024 (16 min.)	(MATÉRIA 2) Vítimas de resultado de teste de DNA errado em busca da verdade	Reportagem de Renata Ceribelli mostra o sofrimento e a redenção dessas mulheres.	https://globoplay.globo.com/v/12964794/
24 nov. 2024 (12 min.)	(MATÉRIA 3) Mentes Digitais: Fantástico estreia série sobre Inteligência Artificial	No primeiro episódio, as décadas de empenho dos cientistas em busca de criar máquinas pensantes, a histórica derrota de Garry Kasparov para o computador <i>Deep Blue</i> e a façanha que permitiu o salto da IA nos últimos anos e rendeu um Prêmio Nobel a seu autor.	https://globoplay.globo.com/v/13126235/
09 mar. 2025 (8 min.)	(MATÉRIA 4) Mentes Digitais: as histórias de pessoas que namoram Inteligências Artificiais	Uma série de aplicativos transforma em realidade um tipo de relacionamento que parecia coisa de ficção científica, oferecendo companhia e conversas eróticas entre seres humanos e máquinas.	https://globoplay.globo.com/v/13405024/

Fonte: Globoplay, 2023; 2024; 2025; Autores; 2025.

A imagem em disputa: entre o real e a construção midiática

Ao longo da história, a imagem foi amplamente associada à capacidade de representar e documentar o real. No campo do jornalismo, essa concepção ganhou força a partir da consolidação da fotografia e, posteriormente, do audiovisual, como instrumentos de prova e testemunho. Barthes (1984) observa que a fotografia carrega consigo o “isto foi”, ou seja, um vínculo com algo que existiu diante da câmera. Essa relação de vínculo direto com o real, na qual a imagem é entendida como vestígio físico de algo que esteve presente, consolidou-se como um dos pilares da credibilidade jornalística, sustentando o imaginário de que a câmera tem o poder de captar a pura realidade.

Contudo, essa compreensão sempre esteve mais próxima de um acordo cultural do que de uma verdade absoluta. Berger (1999) aponta que toda imagem é, antes de tudo, uma forma de ver, e que essa visão é moldada por contextos históricos, sociais e ideológicos. Isso significa que mesmo a fotografia, que por muito tempo foi associada à objetividade, já era resultado de escolhas técnicas e narrativas: enquadramento, luz, momento do disparo, edição. Sontag (2004,

p. 11) reforça que “fotografar é conferir importância”, ou seja, ela indica que a presença ou ausência de certos elementos na imagem influencia diretamente sua interpretação e o sentido atribuído pelo público.

A história do fotojornalismo revela como a credibilidade imagética foi construída em paralelo ao desenvolvimento das tecnologias de registro. No século XIX, a fotografia era vista como um espelho fiel da realidade, mas logo surgiram técnicas de manipulação, como a fotomontagem, por exemplo, que desafiavam essa percepção. Ainda assim, devido à complexidade desses processos, manteve-se a crença popular no realismo fotográfico. Essa herança cultural foi transferida para o audiovisual, que herdou a aura de testemunho visual, especialmente nas transmissões jornalísticas ao vivo, onde a percepção de imediatismo reforça a noção de autenticidade (Levinson, 2013).

Entretanto, a emergência das imagens sintéticas geradas por inteligência artificial (IA) desafia radicalmente essa noção. A produção de imagens por algoritmos quebra com a necessidade da presença física de um referente no momento do registro, deslocando o eixo da verdade jornalística para a coerência narrativa e a verificação das fontes.

Nesse cenário, a ideia de autenticidade passa a ser questionada não apenas pelo conteúdo da imagem, mas pelo próprio processo de sua criação. Dubois (1993) ressalta que toda imagem é resultado de uma construção, e não de uma simples reprodução da realidade. No caso das imagens sintéticas, essa construção é mediada por códigos e parâmetros definidos por programadores, designers e jornalistas, o que significa que o olhar expresso pela imagem é, na verdade, a soma de múltiplas camadas de mediação tecnológica e editorial. Essa multiplicidade de filtros invisíveis ao público desafia a transparência jornalística, visto que a aparência de verossimilhança não garante, por si só, a conexão com um acontecimento real.

Além disso, como argumenta Rouillé (2009), a fotografia e o audiovisual foram permeados por possibilidades de manipulação, mas a inteligência artificial introduz uma nova dimensão: a capacidade de criar imagens inexistentes com realismo quase absoluto. No contexto jornalístico, isso exige uma redefinição das práticas de verificação e uma comunicação clara com a audiência sobre as origens e os limites dessas representações. Em programas como o “Fantástico”, que tradicionalmente mesclam informação e entretenimento, essa fronteira se torna ainda mais sensível, pois o uso de imagens sintéticas pode tanto enriquecer a narrativa quanto gerar dúvida sobre o estatuto de verdade das cenas apresentadas.

A reflexão sobre imagem e verdade, contudo, não é nova. Flusser (1985) já explicava que toda imagem técnica é produto de um “aparelho” que impõe seus próprios limites e possibilidades, e que a crença na neutralidade dessas imagens é ilusória. Quando o “aparelho” é um sistema de IA, treinado com grandes volumes de dados visuais, essa dimensão se amplia, as imagens resultantes carregam traços dos bancos de dados originais, dos vieses de programação e das decisões editoriais que guiam seu uso. Assim, o discurso jornalístico que incorpora imagens sintéticas deve levar em conta que a objetividade visual é uma construção e que, agora, essa construção é coautoria entre humano e máquina.

A incorporação de imagens geradas por IA no jornalismo também traz a discussão sobre o papel do espectador. Berger (1999) argumenta que as imagens não têm sentido fixo, elas são interpretadas dentro de contextos culturais específicos. No caso do jornalismo televisivo, o público tende a atribuir um grau elevado de veracidade ao que vê na tela, especialmente quando apresentado dentro de formatos tradicionais e com códigos visuais, como legendas, grafismos, cenário e a presença de repórteres. A apresentação de imagens sintéticas dentro desse mesmo enquadramento visual pode, portanto, reforçar uma percepção equivocada de realidade, caso não haja sinalização sobre sua natureza.

A utilização de imagens sintéticas para reconstituições de crimes, ilustrações históricas ou simulações científicas pode potencializar o impacto narrativo e facilitar a compreensão do espectador. Porém, ao mesmo tempo, corre-se o risco de diluir a fronteira entre o documentário e o ficcional, entre o registro e a encenação. Como defende Charaudeau (2016), o contrato da comunicação jornalística baseia-se em uma relação de confiança, e qualquer quebra desse pacto pode afetar não apenas a credibilidade de uma reportagem, mas a imagem institucional do veículo.

Nesse sentido, pensar as imagens sintéticas no jornalismo implica reconhecer que elas além de representarem, também participam ativamente da constituição do real midiático. Elas ampliam as possibilidades narrativas, tensionam a fronteira entre o que é evidência e o que é elaboração. Ao deslocar a lógica de registro para a de geração, a inteligência artificial introduz uma camada adicional de interpretação e mediação que, embora não anule o valor informativo da imagem, exige do público novas competências de leitura e das redações novas responsabilidades na apresentação do material.

As imagens geradas por Inteligência Artificial

A história da Inteligência Artificial se aproxima do Campo da Comunicação sob diversas perspectivas. Entre as décadas de 1950 e 1960, pesquisadores como Alan Turing contribuíram para as bases teóricas da IA e o conceito de “máquina de aprendizado” começou a ser explorado (Boden, 2020). Um pouco mais à frente, durante os anos 1980, foram criados os Sistemas Especialistas, com o intuito de realizar tarefas específicas, baseadas, também, em conhecimentos específicos. Na área da comunicação, estes sistemas eram aplicados, por exemplo, para otimizar roteamento de rede e gerenciamento de tráfego.

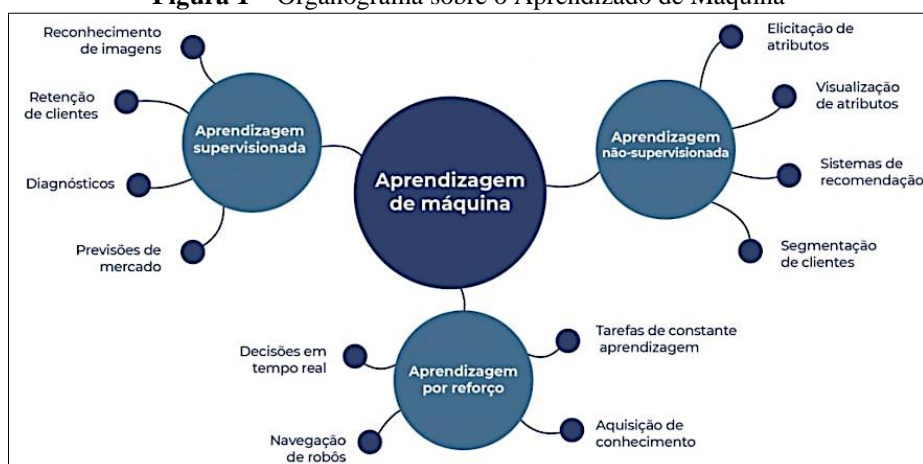
A partir dos anos 1990, o universo da Inteligência Artificial se expande significativamente através do Processamento de Linguagem Natural (PLN), que permitiu que as máquinas se tornassem capazes de processar, interpretar e reproduzir a linguagem humana (Boden, 2020). É nesta época que os *chatbots* e sistemas de reconhecimento de voz começaram a ser explorados.

Esse avanço se deve aos Modelos de Linguagem de Grande Escala (LLMs), tipos de inteligência artificial voltados ao entendimento e à geração de linguagem natural. Segundo Gabriel (2022), esses modelos podem assumir diferentes formas, como os baseados em *transformer* (caso do GPT, da OpenAI), os modelos de aprendizado sequencial, que interpretam padrões em séries de dados, os híbridos, que combinam múltiplas técnicas, e os específicos de domínio, voltados a tarefas ou áreas de conhecimento particulares.

Na década seguinte, anos 2000, ganhou destaque o Aprendizado de Máquina (*Machine Learning*), tecnologia que permite aos computadores aprenderem a partir de dados sem depender de uma programação direta (Gabriel, 2022). Esse avanço impulsionou aplicações em comunicação, como sistemas de recomendação, criação de imagens e análise de sentimentos em redes sociais.

De forma geral, existem três tipos principais de aprendizado: o supervisionado, em que o sistema aprende com exemplos já rotulados; o por reforço, em que aprende por tentativa e erro com base em recompensas; e o não supervisionado, voltado à descoberta de padrões e agrupamentos em grandes volumes de dados.

Figura 1 – Organograma sobre o Aprendizado de Máquina



Fonte: Maia, 2020.

Atualmente, vivemos a era das Redes Neurais Profundas e do Aprendizado Profundo (*Deep Learning*), que tornam os sistemas de IA capazes de realizar tarefas complexas com alta precisão e velocidade, como tradução automática, reconhecimento de imagens, processamento de voz e compreensão da linguagem natural.

As Redes Neurais são modelos computacionais inspirados no funcionamento do cérebro humano (Regis, 2012). Elas são formadas por camadas de “neurônios” artificiais que processam informações em etapas: uma camada de entrada, que recebe os dados; camadas ocultas, responsáveis pelo processamento; e uma camada de saída, que gera o resultado.

A utilização de imagens geradas por meio de Inteligência Artificial em programas jornalísticos como o “Fantástico” inaugura uma nova fase na construção visual das notícias, capaz de suscitar reflexões e preocupações sobre a mediação informacional e as representações simbólicas emergentes na TV. Para compreender essa dinâmica, é necessário esclarecer como funciona o treinamento das máquinas e os aspectos envolvidos na criação, em específico, de imagens.

O ponto de partida técnico reside nas chamadas Redes Generativas Adversariais, em inglês, *Generative Adversarial Networks* (GANs), que articulam duas redes neurais: o gerador, que transforma vetores de ruído em imagens sintéticas, e o discriminador, que avalia se a imagem é real ou gerada, esse processo adversarial contínuo gera refinamento progressivo até obtenção de imagens visualmente convincentes.

As GANs estão entre os modelos mais desenvolvidos para visão computacional, capazes de reproduzir estilos, texturas, expressões e cenários de forma crível. O treinamento ocorre a partir de *datasets* extensos, milhões de imagens, frequentemente coletadas de redes sociais,

bancos de imagem, e acervos digitais sem consentimento explícito. A IA aprende os padrões visuais presentes nesses conjuntos (cores, formas, contextos) e, por meio de técnicas como retropropagação ajusta os pesos da rede para produzir saídas coerentes dentro da distribuição observada.

Entretanto, tamanho avanço suscitou, ao longo dos anos, diversos debates éticos. Durante os primórdios da computação e da Inteligência Artificial, as preocupações éticas eram mais teóricas, especialmente, com a criação da máquina de Turing, que iniciou debates sobre uma possível inteligência computacional. Nos anos seguintes, até os anos 2000, o debate ético circundou discussões sobre a responsabilidade da IA, sua confiabilidade e tomadas de decisões. Com o passar do tempo, o foco nas questões éticas de algoritmos se intensificou, fazendo emergir preocupações sobre privacidade de dados, enviesamentos, opacidade no treinamento das máquinas, direitos autorais e soberania digital através das *Big Techs*.

Quando pensamos sobre o viés e a representatividade, se os dados de treinamento refletem estereótipos de classe, raça, gênero ou localização, o gerador pode reproduzi-los de forma distorcida, reforçando narrativas discriminatórias, o que compromete a autenticidade simbólica das imagens. Essa problemática, de acordo com Boden (2020) se conecta aos debates sobre consentimento e direitos autorais, onde muitas imagens utilizadas para treinamento não possuem autorização explícita, o que levanta questões legais e morais. Por fim, uma questão mais profunda, porém, igualmente importante, que é a (falta de) autenticidade frente a fenômenos como *deepfakes*, através da produção de imagens quase indistinguíveis da realidade, criando impasses sobre a percepção pública, confiança nas instituições e distinção entre reconstrução visual legítima.

Para Berti (2023), falar sobre o jornalismo dentro desta nova realidade virtual é essencial e necessário diante das evoluções e involuções acerca do que conhecemos, praticamos e estabelecemos como mediações informacionais. Nos últimos anos, presenciou-se diversos ataques ao jornalismo e questionamentos com relação à sua credibilidade, devido ao aumento da pluralidade de produtores de conteúdo na Internet. De acordo com Berti (2023), uma das ferramentas que têm sido mais utilizadas é o Chat GPT, apresentado ao mundo em novembro de 2022, com o intuito de revolucionar a maneira como compartilhamos e produzimos informações na virtualidade.

Para o autor, o uso da IA pelos jornalistas pode trazer vantagens e desvantagens, tanto para o jornalismo em si como para a circulação de informações, otimização de tempo, criação de materiais visuais, entre outros aspectos. Entretanto, o professor nos lembra que o jornalismo também responde à um mercado capitalista e, no final do dia, o que importa é a disseminação de determinada informação:

E, quando falamos no Jornalismo, já eternizado o conceito pela professora Cremilda Medina (1988) a notícia também é um produto à venda e, como qualquer mercadoria, também passa pelas mesmas formas de produção e consumo do mundo capitalista. Como produto, o Jornalismo nos traz uma série de reflexões, inclusive no sentido de agregar valor à própria notícia (Berti, 2023, p. 98).

A ética e a liberdade constituem pilares fundamentais da prática jornalística, como já destacava Karam (2014), reafirmando a necessidade de que esses princípios orientem os profissionais da área e sejam constantemente evidenciados ao público consumidor da informação. Tal entendimento permanece atual e deve ser internalizado como um verdadeiro mantra por aqueles que se dedicam à mediação informacional. No mesmo sentido, Abramo (1988) sustenta que a ética jornalística exige empatia: colocar-se no lugar das pessoas retratadas nas matérias, compreender os sujeitos envolvidos, refletir sobre as formas de veiculação e antecipar as possíveis consequências, inclusive as não desejadas, decorrentes do trabalho jornalístico. Para o autor, a prática jornalística deve pautar-se pelo respeito e pela verdade, valores estruturantes da sociedade, orientados pela humanização das relações.

No contexto atual, caracterizado por ampla conectividade e, paradoxalmente, escassez de tempo para a checagem rigorosa da veracidade das informações, torna-se ainda mais urgente resgatar o compromisso com o respeito e a verdade. Esses valores, centrais ao jornalismo profissional, devem ser reforçados como elementos distintivos em meio à avalanche informacional que caracteriza a contemporaneidade. Sá Martino (2010) complementa essa discussão ao problematizar o papel do jornalismo, não como instância redentora, mas como uma prática profissional tensionada entre o interesse público e as contingências impostas pelas estruturas empresariais das organizações midiáticas. Tal colocação evidencia os dilemas éticos cotidianos enfrentados pelos jornalistas em sua atuação prática.

Por fim, é importante dizer que no contexto jornalístico, especialmente para programas como o “Fantástico”, nosso objeto de análise, as imagens geradas por IA podem oferecer vantagens em reconstruções visuais de eventos complexos, ilustrações de hipóteses

investigativas ou visualizações simbólicas de temáticas abstratas. Contudo, a mediação visual deve estar alinhada à apuração rigorosa, ou seja, o jornalista segue atuando como *gatekeeper* que valida, contextualiza e remedia possíveis distorções visuais. A clareza ao público é essencial, através da indicação explícita que aquela imagem foi produzida por IA, como acontece em todos os casos, no programa, conforme imagem abaixo:

Figura 2 – Representação visual de pessoas gerada por inteligência artificial



Fonte: Globoplay⁴, 2024.

Esses cuidados são reforçados pelos Princípios Editoriais do Grupo Globo (G1, 2025), que regula o uso da IA desde 2024. O grupo definiu regras claras, na Seção III, intitulada “O uso da Inteligência Artificial no jornalismo”, que explicita que a IA pode ser utilizada para auxiliar na produção de conteúdos (texto, áudio, imagens, infográficos, vídeos), mas que a responsabilidade final cabe sempre ao profissional humano, que deve revisar e validar todo material. A política enfatiza que o uso de IA não substitui o jornalismo, mas serve como ferramenta de apoio, em especial, não deve ser utilizada para produzir textos opinativos ou editoriais. Além disso, exige que o público seja informado quando houver conteúdo gerado por IA, assegurando transparência editorial.

Um estudo de caso das imagens sintéticas no “Fantástico”

Com base na proposta metodológica de estudo de caso de Robert K. Yin (2015), o desenvolvimento da presente pesquisa seguiu o processo estruturado em seis etapas. A escolha pelo estudo de caso se justifica por tratar-se de um fenômeno contemporâneo, situado em um contexto real e de alta complexidade narrativa e visual, exigindo, portanto, uma abordagem

⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12964794/>. Acesso em: 24 jul. 2025.

metodológica que permita investigar relações entre imagem, ética, estética e construção de sentido no jornalismo audiovisual.

Na primeira etapa, o planejamento inicial do estudo definiu o problema de pesquisa e as questões orientadoras, centradas no uso de imagens geradas por Inteligência Artificial no telejornalismo brasileiro, mais especificamente, na compreensão de seu papel na construção da narrativa audiovisual e nas representações sociais que evocam.

Na etapa seguinte, de construção de projeto, definiu-se o caso como a presença de imagens sintéticas em reportagens do programa “Fantástico” (TV Globo), com quatro pares de imagens selecionadas de reportagens exibidas entre 2023 e 2025 (ver qd. 1). Segundo o delineamento metodológico adotado, cada reportagem é tratada como subcaso dentro de um estudo de caso com múltiplas unidades integradas, analisadas por meio de uma matriz comum de categorias.

Como apresentada anteriormente, a fundamentação teórica deste estudo articula a crítica à cultura algorítmica no jornalismo (Whittaker, 2020) e estudos sobre imagem na narrativa midiática (Fontcuberta, 2010; Mauad, 2005). A partir disso, seis categorias analíticas foram definidas: (1) verossimilhança, (2) função narrativa, (3) visualidade, (4) representações simbólicas e sociais, (5) circulação e (6) aspectos éticos. A verossimilhança, central na análise, considera em que medida as imagens simulam/ou não a realidade e como interferem na percepção da narrativa jornalística. A função narrativa examina se as imagens ilustram, explicam ou dramatizam a reportagem, dialogando com a ideia de imagem como linguagem e instrumento narrativo proposta por Mauad (2005). Já a categoria visualidade avalia a estética adotada (realista, esquemática, surrealista) e traços que denunciem a origem algorítmica.

As representações simbólicas e sociais tratam da forma como os grupos sociais são retratados, dos estereótipos acionados e dos significados culturais evocados. A circulação analisa as possíveis consequências das imagens para o público, incluindo os efeitos emocionais e cognitivos provocados. Os aspectos éticos consideram a transparência quanto à origem da imagem sintética e o respeito a princípios como consentimento e não exploração de sujeitos vulneráveis.

Na terceira fase do estudo de caso, a de preparação, foi elaborado um protocolo de pesquisa baseado nas categorias definidas, aplicadas sistematicamente às imagens de amostra selecionadas nas mesmas reportagens. Por não envolver diretamente seres humanos, não foi necessária a submissão ao comitê de ética. A coleta de dados, quarta fase, concentrou-se nas

amostras efetivas, as imagens sintéticas das quatro reportagens, além de vídeos de bastidores (quando disponíveis) e literatura acadêmica pertinente ao tema.

A quinta etapa de análise dos dados combinou descrição aprofundada de cada subcaso com a avaliação de hipóteses rivais, se as imagens funcionam apenas como ilustrações estéticas ou se moldam o conteúdo simbólico das reportagens. Uma síntese cruzada dos resultados obtidos buscou padrões de uso da IA, como a dramatização de eventos ausentes, a encenação de emoções e a construção simbólica de memórias. Aplicou-se a técnica de combinação de padrões e, complementarmente, a construção da explicação, visando compreender como essas imagens intervêm nas narrativas jornalísticas.

Por fim, na última etapa de relato, o estudo apresenta a interpretação dos resultados e uma discussão crítica sobre os impactos comunicativos, simbólicos e éticos da utilização de imagens sintéticas no jornalismo televisivo contemporâneo.

A aplicação das seis categorias analíticas, apresentadas anteriormente, partiu de um protocolo sistemático que buscou observar, em cada imagem, dimensões específicas relacionadas à construção visual, à função comunicativa e às implicações éticas do uso da inteligência artificial no jornalismo. Cada categoria foi operacionalizada por meio de indicadores visuais e discursivos, definidos para orientar a leitura crítica e comparativa das imagens.

Na categoria Verossimilhança e Veracidade, o foco recaiu sobre os elementos formais que sugerem ou negam a aparência de realidade. Foram avaliados aspectos como textura, iluminação, nível de detalhe e traços típicos da produção algorítmica, tais como suavização de superfícies e ausência de imperfeições naturais. Por exemplo, na imagem do “bebê de papel” (matéria 2) (fig. 4), o uso do estilo *paper art* elimina a ilusão de realismo e acentua o caráter simbólico da composição. Nas representações de Kasparov (na matéria 3) (fig. 5), o fundo geométrico e o sombreamento estilizado reforçam a natureza simulada da cena. Assim, esta categoria permitiu identificar o grau de realismo percebido e a forma como a imagem comunica, ou problematiza, a ideia de verdade visual.

Na categoria Função Narrativa, observou-se a relação entre a imagem e o discurso jornalístico, verificando se o material visual atuava como ilustração, dramatização ou extensão interpretativa do texto. Foram analisados elementos como a coerência temática, a ação representada e o papel emocional da composição. Por exemplo, na reportagem sobre o

reconhecimento paterno, a imagem do “bebê de papel” dramatiza simbolicamente o momento em que a identidade da criança é posta em dúvida, assumindo função narrativa central. No caso do clipe reconstituído de Ney Matogrosso (na matéria 1) (fig. 3), a imagem apresenta o próprio processo tecnológico narrado, transformando-se em elemento de reencenação histórica.

A categoria Estética e Estilo Visual foi operacionalizada pela identificação de padrões formais recorrentes e traços característicos da geração algorítmica. Foram observadas a paleta cromática, composição espacial, iluminação, textura e coerência visual entre imagens da mesma reportagem. Verificou-se, por exemplo, que a baixa saturação e os tons frios na imagem do “bebê” sugerem distanciamento e reflexão, enquanto nas imagens de Kasparov predomina um realismo estilizado, com pinceladas digitais e fundo abstrato, típico de produções por IA. Essas observações permitiram compreender como a estética atua na construção de sentido e na comunicação da artificialidade da imagem.

Na categoria Representações Simbólicas e Sociais, a análise concentrou-se na interpretação dos signos culturais e papéis sociais ativados pelas imagens. Foram examinadas as metáforas visuais, as conotações ideológicas e as emoções associadas às figuras representadas. A mulher que interage com o parceiro virtual (matéria 4) (fig. 6), como símbolo da solidão mediada pela tecnologia. Kasparov, como arquétipo do intelecto humano em conflito com a máquina e os “Secos & Molhados”, como ícones da contracultura e da fluidez de gênero. Essa categoria buscou compreender como as imagens sintetizam valores culturais e tensões simbólicas contemporâneas.

A categoria Impacto na Recepção teve como objetivo identificar os efeitos cognitivos e emocionais potenciais sobre o público. Foram considerados indicadores como empatia, estranhamento, curiosidade e credibilidade. O protocolo observou como o grau de realismo, a carga simbólica e a clareza narrativa influenciam a leitura das imagens. A figura do “bebê de papel” provoca impacto ético e empático, por evitar a exposição de uma criança real, o frame reconstituído de Ney Matogrosso desperta emoção e nostalgia e as imagens de Kasparov e da “mulher virtual” estimulam fascínio tecnológico e reflexão sobre os limites entre humano e máquina.

A última categoria Questões Éticas e de Transparência foi aplicada de modo transversal, observando a presença de selos e legendas indicativas, o respeito à privacidade dos retratados e a clareza quanto à origem sintética das imagens. Identificou-se que o uso do selo “Imagens geradas por inteligência artificial” assegura transparência e preserva o vínculo de confiança

com o público. No caso da recriação do clipe dos “Secos & Molhados”, a ética foi reforçada pela explicação verbal da reportagem e pelo consentimento explícito do artista retratado. Essa categoria permitiu examinar como o telejornalismo contemporâneo enfrenta a ética da simulação e como a transparência explicitada, informada, se torna parte integrante da narrativa audiovisual. A seguir, apresentamos uma síntese dos resultados observados a partir da submissão das imagens a cada uma das categorias.

As primeiras imagens analisadas foram extraídas da série documental “Fantástico: 50 anos”, exibida no programa em 6 de agosto de 2023 (ver qd. 1). A produção comemorativa reconta, a partir da tecnologia, do uso de arquivos e de entrevistas, as cinco décadas do “Fantástico”, desde a concepção, em 1973, até os dias atuais.

Até recentemente, um boletim de programação era o único registro disponível da estreia do “Fantástico”, uma vez que um incêndio em 1976 destruiu as imagens das primeiras edições do programa. O episódio inaugural da série documental revisita a trajetória do “Fantástico” entre 1973 e 1983 reconstituindo trechos com o uso de tecnologia digital. O material analisado trata da reconstrução, por meio de inteligência artificial, do icônico clipe de “Sangue Latino”, com Ney Matogrosso, originalmente inspirado na capa do primeiro disco dos “Secos & Molhados” e também perdido no incêndio.

Embora não sejam objetos deste estudo, além do clipe, outros quadros foram recriados digitalmente, como o personagem Azambuja, de Chico Anysio, uma performance da atriz Sandra Bréa e a participação do jornalista Léo Batista no bloco esportivo do programa de 1973. Na figura 3, observa-se à esquerda a base encenada com atores e, à direita, o resultado após a inserção do rosto de Ney Matogrosso pela IA.

Figura 3 – Recriação de clipe musical da banda “Secos & Molhados”



Fonte: Globoplay⁵, 2023.

Nas imagens analisadas a verossimilhança se constrói por meio de uma simulação estética, com inserção do rosto de Ney Matogrosso, proporção 4:3 e visual preto e branco, que evoca a aparência das produções televisivas dos anos 1970. Embora artificial, a imagem visa recuperar simbolicamente um conteúdo perdido, e a transparência da reportagem quanto ao processo reforça a confiança do público.

Narrativamente, a imagem atua como recurso explicativo e dramatizador, visualizando a ação da IA e intensificando o apelo emocional da reportagem. Sua visualidade mistura realismo simulado e estética “*vintage*”, produzindo uma sensação de autenticidade histórica. A fusão entre rosto e corpo é tecnicamente sofisticada, com mínimas marcas perceptíveis da manipulação algorítmica.

Do ponto de vista simbólico, a imagem valoriza a performance subversiva dos “Secos & Molhados”, ativando representações ligadas à contracultura, à quebra de normas de gênero e à memória coletiva. Na circulação, pode provocar tanto nostalgia quanto fascínio, ampliando o impacto emocional e reflexivo da narrativa. Por fim, sob o aspecto ético, destaca-se o uso consentido e contextualizado da IA, com o devido esclarecimento ao público, o que legitima seu emprego como recurso jornalístico ético e inovador.

O segundo par de imagens refere-se a uma reportagem exibida em 29 de setembro de 2024 sobre mulheres afetadas por erros em testes de DNA no reconhecimento de paternidade (ver qd. 1). Com apenas uma das vítimas identificada, a produção utilizou imagens geradas por inteligência artificial para preservar a identidade das envolvidas e representar visualmente elementos sensíveis da narrativa, como a gestação e os bebês.

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/11843049/>. Acesso: 24 jul. 2025.

Figura 4 – Imagens representam digitalmente uma gestante e um bebê



Fonte: Globoplay⁶, 2024.

A imagem analisada apresenta-se como uma representação simbólica e altamente estilizada, marcada por uma estética de *paper art* e composição em tons frios, o que reforça seu caráter não documental. O bebê, construído digitalmente como um boneco com traços humanos, simboliza a fragilidade e a artificialidade atribuídas à identidade infantil, frequentemente mediada por decisões institucionais e pela dinâmica das redes sociais. O selo indicativo de que a imagem com a gestante foi gerada por inteligência artificial garante a transparência e colabora para a preservação da privacidade dos envolvidos, especialmente diante da ausência de autorização para uso de imagens reais.

Narrativamente, a representação do bebê funciona como uma substituição simbólica da fotografia que teria sido postada pela mãe nas redes sociais e que despertou a atenção do verdadeiro pai. Sua presença dramatiza visualmente o momento central da narrativa e explicita, por meio de metáforas visuais, o papel da tecnologia na mediação das relações afetivas e jurídicas. Do ponto de vista da circulação, a imagem provoca estranhamento e reflexão, ao mesmo tempo em que evita o sensacionalismo e a exposição direta das vítimas. Essa escolha estética e editorial revela uma estratégia ética consistente, que utiliza a inteligência artificial para dramatizar eventos reais com responsabilidade e respeito à sensibilidade do tema.

Em 24 de novembro de 2024, o “Fantástico” estreou a série “Mentes Digitais: A Era da Inteligência Artificial”, apresentada pelo jornalista Álvaro Pereira Júnior. Dividida em quatro episódios, a produção traça um panorama da evolução da IA, destacando seus avanços, desafios éticos e disputas geopolíticas, como a rivalidade entre China e Estados Unidos.

⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12964794/>. Acesso: 24 jul. 2025.

As duas imagens analisadas foram extraídas do episódio inicial, que relembra a histórica derrota do enxadrista Garry Kasparov para o supercomputador *Deep Blue* e apresenta reflexões de especialistas como Geoffrey Hinton e do vencedor do Nobel de Física Kai-Fu Lee sobre o desenvolvimento e os impactos da IA.

Figura 5 – Garry Kasparov representado graficamente pela IA na série “Mentes Digitais”



Fonte: Globoplay⁷, 2024.

As imagens geradas por inteligência artificial apresentam um estilo visual estilizado, com traços realistas no personagem central, que representa Garry Kasparov, mas com fundo abstrato e cores vibrantes que a afastam da estética fotográfica tradicional. Sua natureza simulada é explicitada por um aviso editorial, assegurando a transparência e evitando a associação com um registro documental. Com função ilustrativa e dramatizadora, a imagem reforça visualmente a tensão intelectual enfrentada por Kasparov no confronto com o *Deep Blue*, destacando seu esforço mental e contribuindo para a narrativa da reportagem.

A estética adotada, marcada por contornos definidos, suavização de texturas e fundos geométricos, remete a um realismo estilizado típico de produções algorítmicas, criando uma unidade visual coerente ao longo da série. Simbolicamente, a figura ativa arquétipos de intelecto, estratégia e resistência, alinhando-se à representação cultural do xadrez como metáfora do embate entre a razão humana e a inteligência artificial. A imagem tem potencial para engajar o público emocional e cognitivamente, gerando empatia e reforçando o conteúdo narrativo. Seu uso ético é garantido pela explicitação de sua origem algorítmica, posicionando-a como representação simbólica e não como registro factual.

⁷ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13126235/>. Acesso: 24 jul. 2025.

Figura 6 – Situações cotidianas recriadas digitalmente na série do “Fantástico”



Fonte: Globoplay⁸, 2025.

Em um episódio especial da série “Mentes Digitais”, exibido em 9 de março de 2025, o repórter Álvaro Pereira Júnior mostra as histórias de pessoas que mantêm relacionamentos amorosos com inteligência artificial através de aplicativos que tornam realidade um tipo de vínculo que antes parecia restrito à ficção científica, ao possibilitar interações afetivas e até conversas de teor erótico entre humanos e sistemas de IA. As imagens selecionadas para a análise representam situações cotidianas como uma interação no computador e uma conversa sobre a relação entre um casal.

As imagens geradas por inteligência artificial apresentam traços visuais que evidenciam sua natureza simulada, como texturas excessivamente suaves, iluminação perfeita e ausência de imperfeições, aproximando-se de gráficos de *videogames* ou animações 3D. Seu objetivo, portanto, não é representar um evento real, mas ilustrar o conceito de relações afetivas com parceiros virtuais, contribuindo de forma ilustrativa e dramatizadora para a narrativa jornalística.

A representação visual de uma mulher interagindo com seu companheiro complementa o conteúdo verbal da reportagem, traduzindo simbolicamente a tensão gerada pelas interações virtuais no cotidiano real. Embora possa ativar estereótipos de gênero, o contexto problematiza essas construções e estimula reflexões sobre afeto, tecnologia e isolamento na era digital. A imagem também favorece o engajamento do público, podendo despertar empatia, curiosidade ou estranhamento, ao mesmo tempo em que torna o conteúdo mais acessível e visualmente compreensível. Eticamente, o uso é adequado, pois há indicação explícita de que se trata de uma criação por IA.

⁸ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13405024/>. Acesso: 24 jul. 2025.

Partindo para a interpretação dos resultados, observa-se que as imagens geradas por Inteligência Artificial, embora apresentem traços de realismo, são intencionalmente construídas com uma estética estilizada e acompanhadas de selos de identificação, o que as posiciona mais como construções simbólicas do que como registros factuais. Essa opção estética e editorial desloca o caso do “Fantástico” do campo do engano, típico das discussões sobre *deepfakes*, para o campo da simulação consciente, em que a artificialidade é assumida como parte integrante da narrativa. Nesse regime de transparência, as imagens sintéticas funcionam como dispositivos dramatizadores e interpretativos, que, ao invés de comprometer a veracidade, reforçam a função discursiva do jornalismo na construção de sentidos e afetos.

Essa configuração contrasta com o eixo dominante da literatura internacional sobre *deepfakes*, geralmente centrado nas ameaças à confiança pública e à credibilidade das instituições. Chesney e Citron (2019) apontam que a manipulação audiovisual hiper-realista representa um desafio à privacidade e à democracia, criando um ambiente de suspeita generalizada. Vaccari e Chadwick (2020) demonstram que o contato do público com vídeos sintéticos produz engano e incerteza, um estado de dúvida que fragiliza a confiança na mídia como um todo. Lundberg (2024) acrescenta que, em escala social, essa desconfiança tende a afetar especialmente os veículos jornalísticos, cuja autoridade se ancora na visualidade como prova.

No contexto brasileiro, entretanto, o caso do “Fantástico” oferece uma resposta singular a esse dilema, ao institucionalizar práticas de transparência e rotulagem de conteúdos gerados por IA. Essa escolha editorial converge com o que Santaella (2021) identifica como o novo “regime de veridicção das imagens técnicas”, em que o ato de ver deixa de significar “acreditar” e passa a significar “interpretar mediações”. A autora argumenta que as *deepfakes* ameaçam a verdade e inauguram uma nova gramática de percepção em que a confiança deve ser negociada constantemente. Oliveira (2024) complementa essa leitura ao destacar que a incorporação da IA no jornalismo brasileiro exige repensar as mediações visuais e discursivas, uma vez que as tecnologias generativas automatizam processos e a própria prática profissional.

Ainda sob a perspectiva nacional, Ferreira (2023) chama atenção para o modo como as *deepfakes* operam, no contexto político e comunicacional, como dispositivos de manipulação simbólica capazes de corroer a credibilidade das instituições. A analogia é pertinente ao campo jornalístico: assim como nas disputas eleitorais a manipulação de imagens afeta a confiança democrática, no jornalismo o uso ético e transparente dessas tecnologias pode, ao contrário,

reconstruir vínculos de confiança entre público e mídia. O “Fantástico” exemplifica essa inversão ao adotar a estética da simulação visível, transformando o potencial de ameaça das imagens sintéticas em um recurso de linguagem.

Dessa forma, o estudo de caso analisado contribui para complexificar o debate internacional sobre *deepfakes* e confiança, mostrando que a apropriação institucional, transparente e editorialmente consciente da IA pode coexistir com o reforço da credibilidade jornalística. Ao assumir a artificialidade como signo narrativo e não como fraude, o telejornal desloca o paradigma da “prova visual” para o da “mediação visual confiável”, abrindo espaço para novos pactos de veracidade no ecossistema midiático contemporâneo.

Considerações finais

A análise das imagens sintéticas permite compreender os modos pelos quais a IA vem sendo incorporada às práticas jornalísticas audiovisuais, especialmente no que se refere à construção visual da notícia e à mediação simbólica de temas complexos. A hipótese que orientou este estudo, de que as imagens geradas por IA não apenas ilustram, mas participam ativamente da narrativa jornalística, conferindo-lhe novos sentidos e camadas simbólicas, se mostrou pertinente a partir das evidências empíricas e teóricas analisadas.

Ao longo da investigação, verificou-se que tais imagens cumprem diferentes funções narrativas, a depender do contexto e do conteúdo das reportagens. Em alguns casos, operam como ferramentas de reconstrução histórica (como na recriação de registros perdidos do “Fantástico” dos anos 1970); em outros, como dispositivos de proteção de identidade e dramatização de eventos sensíveis (como nos relatos de erros em testes de DNA); ou ainda como recursos simbólicos de visualização de fenômenos abstratos ou futuros (como no episódio sobre relações afetivas com IA). Em todos os casos, constatou-se uma visualidade intencionalmente estilizada e artificial, que, ao invés de comprometer a credibilidade jornalística, tem sido utilizada com transparência e clareza editorial, em conformidade com os princípios editoriais da empresa.

A integração entre os diferentes núcleos analíticos (verossimilhança, função narrativa, estética, representações sociais, circulação e ética) revelou que as imagens sintéticas não são neutras ou meramente ilustrativas. Elas acionam códigos culturais, evocam afetos, criam memórias visuais e influenciam a recepção do conteúdo jornalístico. Além disso, operam como

dispositivos de mediação simbólica que reforçam ou tensionam valores sociais, como verdade, autenticidade, empatia e representação.

Na perspectiva ética, destacamos a importância da explicitação da origem das imagens geradas por IA, especialmente em contextos noticiosos, onde a distinção entre realidade e simulação visual é fundamental para a manutenção da confiança pública no jornalismo profissional. O estudo atesta que, quando utilizadas com transparência, responsabilidade e intencionalidade narrativa, essas imagens podem contribuir para uma experiência comunicativa mais rica, plural e acessível, sem necessariamente comprometer os pilares éticos do exercício profissional.

As recentes investigações sobre a aplicação da Inteligência Artificial no telejornalismo têm privilegiado enfoques voltados à automação de processos produtivos, à eficiência operacional das redações e às implicações éticas e profissionais da incorporação tecnológica. Embora esses eixos sejam fundamentais para compreender as transformações do campo, ainda se observa relativa escassez de análises que examinem a dimensão estética, simbólica e narrativa da IA nas produções audiovisuais. Nesse sentido, a pertinência e a originalidade deste artigo decorrem de seu olhar voltado para a mediação visual e o papel expressivo das imagens sintéticas, entendidas não apenas como recursos técnicos, mas como elementos discursivos constitutivos da linguagem jornalística televisiva.

Ao propor uma leitura empírica e interpretativa das imagens sintéticas no “Fantástico”, o estudo amplia o debate sobre o jornalismo audiovisual contemporâneo, demonstrando que a integração entre humanos e algoritmos pode servir à construção de sentidos, memórias e afetos, sem romper o compromisso ético com a veracidade e a transparência. Assim, o trabalho reafirma a importância de abordagens que compreendam a Inteligência Artificial não apenas como ferramenta de automação, mas como linguagem e signo narrativo, contribuindo para o amadurecimento teórico e metodológico das pesquisas sobre (tele)jornalismo e a cultura digital.

Por fim, ao focar nos modos de apropriação das imagens sintéticas pelo “Fantástico”, revela-se um campo fértil de investigação e inovação, em que o jornalismo, a tecnologia e as imagens convergem para formar novas linguagens e estratégias narrativas e de mediação do real.

Referências

- ABE, L. K. *O processo de criação do telejornal Fantástico nas matérias com enfoque em personagens*. 2016. 118 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/19108/2/Luciano%20Koji%20Abe.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- ABRAMO, C. *A regra do jogo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BARTHES, R. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BERGER, J. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- BERTI, O. M. de C. *ChatGPT: evolução ou fim do jornalismo?* Teresina: EdUESPI, 2023.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2016.
- CHESNEY, R; CITRON, D. K. Deep fakes: a looming challenge for privacy, democracy, and national security. *California Law Review*, Berkeley, v. 107, n. 6, p. 1753–1819, 2019. DOI: 10.2139/ssrn.3213954. Disponível em: https://scholarship.law.bu.edu/faculty_scholarship/640/. Acesso em: 30 jun. 2025.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico*. Campinas: Papirus, 1993.
- FERREIRA, A. P. O fenômeno da deep fake no contexto eleitoral e seus efeitos no Estado Democrático de Direito. *Revista do Instituto Brasileiro de Ciências Criminais*, São Paulo, v. 31, n. 372, p. 85–102, 2023. Disponível em: https://publicacoes.ibccrim.org.br/index.php/boletim_1993/article/view/1573. Acesso em: 4 nov. 2025.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1985.
- GABRIEL, M. *Inteligência artificial: do zero ao metaverso*. Barueri: Atlas, 2022.
- G1. *Princípios editoriais do Grupo Globo*. Disponível em: <https://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.html>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- KARAM, F. J. C. *Jornalismo, ética e liberdade*. São Paulo: Summus, 2014.
- LEVINSON, P. *New new media*. Boston: Pearson, 2013.
- LUNDBERG, E. The potential effects of deepfakes on news media and digital society. *AI & Society*, [S.l.], v. 39, n. 2, p. 405–420, 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s00146-024-02072-1.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.
- MAIA, B. *Tipos de aprendizado de máquina*. Disponível em: <https://beatrizmaiads.medium.com/tipos-de-aprendizado-de-m%C3%A1quina-3-9a9052173bc4>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- MANOLITO N. *Redes neurais artificiais*. Disponível em: <https://www.monolitonimbus.com.br/redes-neurais-artificiais/>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo,

v. 13, n. 1, p. 133–174, jun. 2005. Disponível em:

<https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/5417/6947>. Acesso em: 1 jul. 2025.

MEDEIROS, F. N. da S. *et al.* Ciência e tecnologia em um programa de infotainment: uma análise de conteúdo da cobertura do **Fantástico. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 36, n. 1, 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1671>. Acesso em: 30 jun. 2025.

MORAES, H. J. P. Informação e espetáculo: análise dos gêneros jornalísticos exibidos no programa **Fantástico. Vozes & Diálogo**, Itajaí, v. 11, n. 1, p. 42–54, jan./jun. 2012.

Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/3175/2361>. Acesso em: 30 jun. 2025.

OLIVEIRA, E. C. da S. de. IA e novas mediações: formação crítica de estudantes de jornalismo. *Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 45–61, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/13224>. Acesso em: 4 nov. 2025.

REGIS, F. **Nós, ciborgues: tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina**. Curitiba: PUCPress – Editora Universitária Champagnat, 2012.

REIS, M. A. *et al.* Subjetividade e inteligência artificial no telejornalismo a partir da análise dos avatares das telas. In: MELLO, Edna *et al.* (org.). **As inteligências do telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2024. cap. 11, p. 221–244. Disponível em:

<https://insular.com.br/produto/as-inteligencias-do-telejornalismo-2/>. Acesso em: 30 jun. 2025.

ROCHA, E.; AUCAR, B. **Fantástico, o show da vida: televisão, convergência e consumo**. ALCEU, Rio de Janeiro, v. 11, n. 22, p. 43–60, jan./jun. 2011. Disponível em:

<https://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Artigo3%20Everardo%20Rocha%20e%20Bruna%20Aucar%20-%20pp%2043-60.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2025.

REUTERS INSTITUTE. *Digital News Report 2024*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024>. Acesso em: 4 nov. 2025.

ROUILLÉ, A. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SÁ MARTINO, L. M. **Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SANTAELLA, L. As irmãs siamesas fake news e pós-verdade expandidas nas deepfakes. TECCOGS: *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*, São Paulo, n. 24, p. 5–25, 2021.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/teccogs/article/view/55973>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

VACCARI, C.; CHADWICK, A. Deepfakes and disinformation: exploring the impact of synthetic political video on deception, uncertainty, and trust in news. *Social Media + Society*, London, v. 6, n. 1, p. 1–13, 2020. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/reader/10.1177/2056305120903408>. Acesso em: 30 jun. 2025.

VON ZUBEN, F. *Deep learning*: redes neurais adversárias generativas. Disponível em: https://www.dca.fee.unicamp.br/~vonzuben/courses/ia353_1s20/topico8_P7_IA353_1s2020.pdf. Acesso em: 27 jul. 2025.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Tradução: Cristhian Matheus Herrera. Porto Alegre: Bookman, 2015.

Recebido em: 18 de agosto de 2025.

Aceito em: 5 de novembro de 2025.
